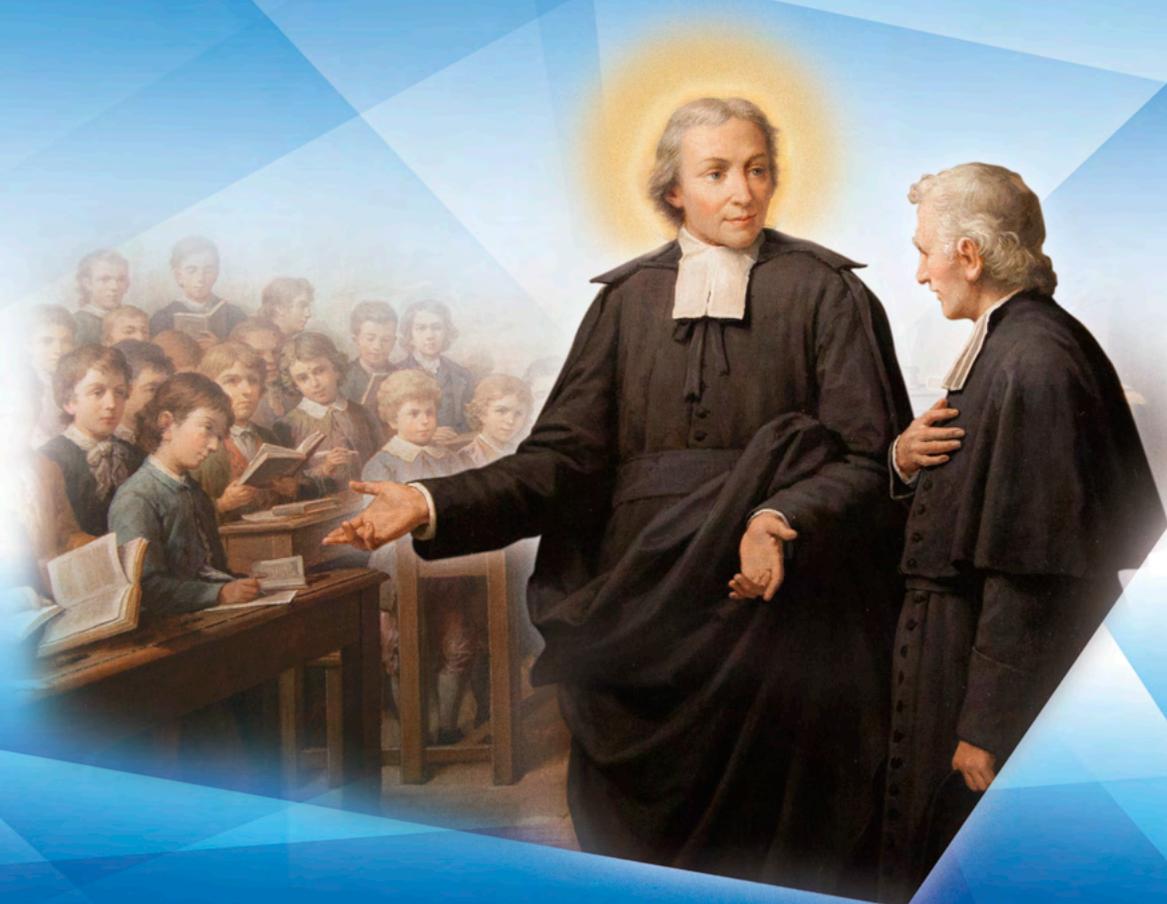


EDUCAÇÃO LASSALISTA: Saberes da prática educativa

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora

Ano 2022

EDUCAÇÃO LASSALISTA: Saberes da prática educativa

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora

Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

São João Batista de La Salle - Flickr

Design da capa

Alexandro Lima

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Educação Lassalista: Saberes da prática educativa

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Roberto Carlos Ramos
Giani Wibbeling
Kassiana Boeck
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação Lassalista: Saberes da prática educativa / Organizadores Roberto Carlos Ramos, Giani Wibbeling, Kassiana Boeck, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Outros organizadores
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-829-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.295220701>

1. Educação Lassalista. I. Ramos, Roberto Carlos (Organizador). II. Wibbeling, Giani (Organizador). III. Boeck, Kassiana (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



*Na Escola Lassalista,
“(...) as crianças estão aos cuidados dos mestres
desde a manhã até o entardecer,
para que estes possam ensinar-lhes a bem viver”.
(La Salle. Regras Comuns. 1,3).*

APRESENTAÇÃO

Encontramo-nos diante de uma mudança profunda em nossa sociedade. O mundo educacional sente o impacto transformador das pessoas, dos métodos, da gestão e dos valores. A mudança das formas de ensinar e aprender é um imperativo presente e inadiável.

Este livro apresenta 20 artigos, resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e vividas pelos educadores lassalistas. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências e saberes educacionais, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos dos saberes vividos no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.

Os autores desta obra são profissionais da educação, que por meio da pesquisa expressam as experiências nos diversos setores do espaço escolar, falando das da própria vivência, transformando em produção intelectual e buscando compartilhar com você, leitor, as suas indagações, percursos e descobertas.

A Missão Educativa Lassalista é a nossa inspiração e herança, que nos vincula à primeira escola de São João Batista de La Salle, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todas as pessoas vinculadas ao Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, somos desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Ressaltamos que os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo do livro, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e nos inspirarão à dinâmica escolar e a Missão Educativa Lassalista.

Os saberes da prática educativa estão vinculados, especialmente, a uma vivência cotidiana fundante no ato de ensinar e aprender e estão carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Sejam bem-vindos a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando com as práticas educativas lassalistas, fecundadas de conhecimentos, saberes, vivências e experiências múltiplas, sobretudo esperamos contribuir com a educação de qualidade. Como muito bem disse o grande filósofo Emanuel Kant, “O ser humano é aquilo que a educação faz dele!”

Os autores.

PREFÁCIO

Prefaciар esta obra é viver a experiência de recobrar saberes, legados e sonhos futuros da educação e dos educadores que habitam em nós. Vivemos um novo tempo cronológico e existencial jamais pensado e preparado com a abrupta chegada da pandemia do Coronavírus que forçou a aceleração de processos, modos de existir, de educar e, principalmente, de nos relacionarmos.

Nesse cenário a gestão educacional em diferentes contextos, e em proporções planetárias é provocada a constantes metamorfoses para responder às novas demandas sociais, pessoais e institucionais. O Convite que se impõe convoca-nos a assumirmos nossa adultez respondendo com atitude Antifrágil (TALEB, 2015). Tudo exige, mais que resiliência, adaptabilidade, empoderamento, novos métodos, revisão de processos, e estruturas, de formas de pensar e de trabalhar para responder bem ao que a vida nos pede no momento presente (FRANKL, 2008).

No cenário Educacional a palavra de ordem é reinvenção. Tanto de seus atores quanto de seus métodos, conteúdos e processos. Essa realidade exige mudanças pedagógicas profundas na certeza de que a escola que nos trouxe até aqui, não nos levará adiante caso continuemos a fazer mais do mesmo.

Em meio a tantas janelas de oportunidade que se abrem, em La Salle encontramos um legado inspirador. Em tempos de profundos desafios econômicos, sociais, sanitários e educacionais, ele reinventou a escola para torná-la acessível aos jovens de seu tempo. Hoje ele continua a suscitar interrogações por formas assertivas de responder aos desafios de nosso tempo, em meio a tantas incertezas, e na grande certeza de que mudar é preciso para continuarmos nos reconhecendo educadores. La Salle primeiro faz a experiência de estar com os alunos, de formar professores, de constituir comunidade educativa. Depois, ele sistematiza em seus escritos que continuam nos acompanhando e inspirando na atualidade. Ele faz a experiência com os seus, depois a sistematiza. Esta obra também segue este princípio ao trazer a sistematização de vivências tão atuais, relevantes e marcadas por um tempo existencial profundo e carente de mais tempo para experimentar e não somente vivenciar periféricamente oportunidades que a vida nos propicia para, de fato, estarmos juntos. (BENJAMIN, 1993).

Esta é a era da busca por pessoas que inspiram. Portanto, a recuperação do *Storitelling* legitima-se no mundo atual que busca referenciais para a construção de trilhas existenciais. Nos professores almejamos pessoas que educam pelo saber fazer, pelo ser e pelo conviver além do saber. Ou seja, para além de um conteúdo a comunidade educativa exige, na figura dos educadores, pessoas com história de vida inspiradora, portadora de esperança, sinalizadora de princípios e valores que projetam luzes e mentorias para que os educandos organizem suas trilhas de vida.

Portanto, esta obra nos reúne junto a um grande propósito de educar para a vida. Mais que um *slogan*, é um grande compromisso com a formação das novas gerações. Tal propósito constrói-se na missão que se reinventa, na fidelidade criativa, para continuar a dar respostas às necessidades que se apresentam, de toda ordem, especialmente nestes tempos pandêmicos.

Tal propósito é vivido nesta época que exige a integração de saberes. A aproximação da verdade, o avanço no conhecimento se dá pela colaboração de diversos saberes, dentre eles, o saber fazer e o saber ser e conviver não somente entre humanos mas com a casa Comum (FRANCISCO, 2015).

Estamos ainda vivendo uma educação imersa na travessia pandêmica que exige uma reorganização estética de nossos espaços. Dentre eles, o conceito de sala de aula consolida-se no sentido amplo, seja pelo mundo da virtualidade, da integração com a cidade, com os espaços públicos, sociais, com os espaços privados, entre tantos outros que possibilitam a experiência do aprender.

Para continuar nesta Arena Existencial precisamos desenvolver Habilidades do Futuro que já chegou. Algumas já se mostram claramente. Outras ainda estamos por desenvolver. A exemplo do segundo e terceiro idioma, da alfabetização digital, da produção de conteúdos digitais, além de simples usuários destes, do trabalho colaborativo, da inovação, do pensamento criativo e empreendedor que nos ocupam no momento, legitima-se a pergunta: Que competências aguardam o profissional do futuro? Como podemos educar para um amanhã que já chegou e que ao mesmo tempo encanta, se mostra, se esconde, se anuncia, se denuncia e silencia?

As Competências Educacionais que nos trouxeram até aqui para resolver as grandes questões da humanidade, serão as mesmas que nos levarão daqui para frente? Os indicadores que até então balizam a qualidade educacional nos standares governamentais e não governamentais, continuarão a nos guiar para a educação que queremos?

Em meio a um mundo de incertezas a cooperação mostra-se caminho viável. Nela, as hélices educativas recuperam seu valor no conceito de educação para a vida. Ao recuperarmos as hélices, estamos nos referindo à educação em rede, colaborativa. Esta que integra escolas com governos, empresas, comunidades, enfim, todos os atores sociais. Não se forma para a vida sem considerar estes campos laboratoriais que fomentam competências urgentes e necessárias para a vida que queremos.

Outra certeza de que nos acompanha é a coabitação num mundo híbrido quanto ao uso de novas tecnologias educacionais. Sermos digitais fará, ou já faz parte de nossos processos de identificação, de reconhecimento, de existir em educação. Não temos possibilidade de regredir a um mundo analógico, a um mundo que funcionou por séculos pautado basicamente na presencialidade. Agora, habita em nós o imperativo híbrido que faz a vida ganhar fluxo. Portanto, o presente e o futuro já estão grávidos de novos métodos educativos em que imperam ferramentas digitais que mesclam presencialidade

e virtualidade. Cada vez mais, nossas experiências estarão carregadas dessa realidade.

Outra pergunta importante que continua a trabalhar em nós, neste mundo de metamorfoses, é pelo conceito de Educação de Qualidade nos tempos atuais? Que educação vem responder com maior assertividade as demandas da vida e do mercado de forma mais integral e integradora? Mesmo na fragilidade da resposta, temos indicadores que nos remetem à resolução de problemas reais, ao atendimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável conforme (ONU, 2021), dentre outros.

Independentemente dos rumos e tendências educacionais do presente, não questionamos a necessidade do cultivo da Pedagogia do Cuidado de si e do outro. Este cuidado transcende o mero saber, o julgar, a estrita análise ou solução parcial de um problema ou situação existencial. Ele exige o cuidado com a vida em sua plenitude. Cuidado das pessoas, das diferentes manifestações de vida no planeta. Toda nossa partilha, vivências e experiências participam de nosso legado educacional. Não educamos para o imediato, nem para doarmos coisas, mas sim para ficarmos nas pessoas, com nossa acolhida, nossos valores, nossas formas de viver e conviver.

E o futuro da educação? Os desafios são muitos. As possibilidades também. Como La Salle reinventou a educação para que ela respondesse com fidelidade e criatividade aos problemas de sua época, somos convidados à mesma reinvenção. Ou seja, a educação da atualidade precisa se posicionar, com criatividade, inovação e empreendedorismo. Responder aos gargalos pessoais, sociais e institucionais para fidelizar-se é condição necessária e imprescindível para a mudança das pessoas que farão a mudança do mundo que temos para o mundo que queremos.

Creio que nosso futuro educacional está no equilíbrio do hibridismo, aliando novas tecnologias, inteligência artificial com inclusão humana, grande desafio para uma realidade tão desigual entre países pobres, em desenvolvimento e ricos. Pouco adiantará mergulharmos no mundo digital se não fizermos processo de educação e cultura da inclusão num contexto onde o acesso digital é brutalmente desigual e excludente.

Vivenciar o sonho de construirmos uma cidade educadora, onde todas as forças se unem para o bem-estar e qualidade de vida para todos é possível. Acreditemos: grandes coisas são possíveis quando na coletividade encontramos as melhores soluções para nossas dores pessoais, sociais e institucionais. Que a leitura das experiências registradas por educadores, nesta obra, ajude-nos a reinventar a educação no contexto do Pacto Global capitaneado pelo Papa Francisco (ORTIZ, 2020).

Prof. Dr. Paulo Fossatti
Reitor - Universidade La Salle

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1993). **La metafísica de la juventud**. Barcelona: Paidós.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' Do Santo Padre Francisco Sobre O Cuidado Da Casa Comum**. Vaticano, 2015. https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 04 maio 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução Walter O. Schlupp & Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 out. 2021.

ORTIZ, Juan Antonio Ojeda; GARCÍA, Manuel Jesús Ceballos; RAMOS, Beatriz Ramírez. **Luces para el Camino: Pacto Educativo Global**. União Européia: OIEC, 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LIBRO-PACTO-EDUCATIVO-GLOGAL-OIEC-1.pdf> Acesso em: 25 jul. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **Antifragil**. Tradução Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO, EDUCADOR E EDUCANDO LASSALISTA: LEITURA A PARTIR DOS ESCRITOS DE SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE

Roberto Carlos Ramos

William Mallmann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207011>

CAPÍTULO 2..... 11

EDUCAÇÃO LASSALISTA: MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES AO LONGO DOS SÉCULOS

Daniela Pelissari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207012>

CAPÍTULO 3..... 17

EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR E DA IGREJA EM TEMPO DE PANDEMIA

Paulo Roque Gasparetto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207013>

CAPÍTULO 4..... 28

LA SALLE CARMO: HISTÓRIA, IDENTIDADE E LEGADO PARA A CIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS

Alexandro Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207014>

CAPÍTULO 5..... 40

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DO COLÉGIO LA SALLE CARMO

Táisa Festugato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207015>

CAPÍTULO 6..... 49

UM COLÉGIO CATÓLICO PARA MENINOS EM CAXIAS DO SUL/RS: HISTÓRIA DO COLÉGIO DO CARMO (1908 – 1933)

Vanessa Lazzaron

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207016>

CAPÍTULO 7..... 58

A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO COLÉGIO LA SALLE CARMO

Rosane Lucena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207017>

CAPÍTULO 8	66
INDICADORES DE QUALIDADE DE EDUCAÇÃO NO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Roberto Carlos Ramos	
Francine Abreu Guerra	
Wanderson Frigotto Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207018	
CAPÍTULO 9	78
IMPACTOS DOS PROJETOS EDUCACIONAIS DA UNESCO (PEA) NO LA SALLE CARMO	
Roberto Carlos Ramos	
Francine Abreu Guerra	
Wanderson Frigotto Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207019	
CAPÍTULO 10	90
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA DA GESTÃO PEDAGÓGICA	
Adriana Steinmetz	
Giani Wiebbelling	
Liane Kolling	
Rosane Lucena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070110	
CAPÍTULO 11	104
A GESTÃO DEMOCRÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM OLHAR A PARTIR DA EQUIPE DIRETIVA DO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Adriana Steinmetz	
Cristiane Spindler Feldens	
William Mallmann	
Roberto Carlos Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070111	
CAPÍTULO 12	118
SOU LA SALLE CARMO: EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Tácia Stringhi	
William Mallmann	
Alexandro Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070112	
CAPÍTULO 13	130
A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR A HABILIDADE ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Paola Rossi Menegotto	
Samira Dall Agnol	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070113	

CAPÍTULO 14.....	146
A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Janis Moreira de Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070114	
CAPÍTULO 15.....	156
AS FRAGILIDADES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA ESCRITA	
Simone De Mozzi de Castilhos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070115	
CAPÍTULO 16.....	166
O TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Michelle Michelon Sancigolo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070116	
CAPÍTULO 17.....	174
A PLASTICIDADE CEREBRAL E A APRENDIZAGEM	
Juliete Fernanda Facchin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070117	
CAPÍTULO 18.....	185
A PAISAGEM SONORA COMO ELEMENTO AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR	
Laura Cardozo Perozzo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070118	
CAPÍTULO 19.....	195
O SOM E O SENTIDO: A MÚSICA COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS SENSÍVEL E CRIATIVA NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19	
Miraci Jardim Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070119	
CAPÍTULO 20.....	202
AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE NO CONVIVER: O PAPEL DA EMOÇÃO E DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Karlani Machado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070120	
SOBRE OS ORGANIZADORES	205

A PAISAGEM SONORA COMO ELEMENTO AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR

Data de aceite: 01/12/2021

Laura Cardozo Perozzo

Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul. Possui licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul, especialização em Educação Inclusiva pela UNOPAR e Especialista em Ciência da Religião pela Universidade Cândido Mendes. É professora de História da Rede La Salle Carmo em Caxias do Sul/ RS

“Já parou para pensar qual é o primeiro som que você ouve ao acordar? Ou qual o último som que ouve antes de dormir? Na maioria das vezes não nos damos conta de que ouvimos sons o tempo todo.”

1 | INTRODUÇÃO

Já parou para pensar qual é o primeiro som que você ouve ao acordar? Ou qual o último som que ouve antes de dormir? Na maioria das vezes, não nos damos conta de que ouvimos sons o tempo todo. Pense: pode ser que nesse momento você esteja concentrado nesse texto, mas seu ouvido, ao mesmo tempo, está atento a outras informações que passam automáticas ao seu redor.

O texto a seguir fará a explanação de uma experiência com a paisagem sonora escolar durante os primeiros meses de

pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, ocasionando isolamento social em diversas partes do mundo, a fim de aguardar o episódio acalmar. Com a atividade, sentimentos de nostalgia e de afeto foram percebidos e momentos, até então ignorados ou antipatizados, foram vistos com saudade.

Nossos sentidos são pouco aguçados se pensarmos nas possibilidades que eles podem nos trazer. Somos limitados para pensar nas sensações dos nossos sentidos. Nem todos conseguem alimentar-se e pensar no gosto dos alimentos frente à rapidez com que se come. As sensações do tato e da audição seguem na mesma linha. Talvez possamos afirmar que o olfato e a visão são os mais privilegiados no sentido de que, tanto um quanto o outro, nos causem emoções e sentimentos que nos afetam de forma positiva ou negativa, instantaneamente. A mais aguçada é, sem dúvida, a visão e mesmo assim, muitas vezes, olhamos e não vemos. Schafer (2001, p.12), um dos pioneiros a pensar a paisagem sonora mundial, afirma que “no Ocidente, o ouvido cedeu lugar ao olho”, frente à dificuldade que temos de explorar nossos outros sentidos. No Brasil, o campo da paisagem sonora é muito recente e uma das autoras de destaque é Cristina Meneguello (2017), ao trabalhar com a paisagem sonora industrial.

O assunto das paisagens sonoras foi apresentado no início de 2020, em um projeto

de que participo na Universidade de Caxias do Sul (UCS), por meio do PPGHIS em parceria com a Universidade de Pádova. O curso conta com professores de diversas áreas educacionais do Brasil e da Itália. No grupo de Caxias do Sul, há professores da área de Ciências Humanas, Linguagens e Educação. Atualmente, estou fazendo o curso relacionado ao tema que teve uma breve interrupção no ano de 2020. Neste meio tempo, o grupo de estudos brasileiro fez encontros e discutiu algumas obras, além de desenvolver pequenos projetos como este que apresento aqui, no sentido de tornar perceptível a paisagem sonora e as sensações trazidas por ela por meio das memórias e da subjetividade.

Com a pandemia da Covid-19, o Colégio La Salle Carmo e a Rede La Salle organizaram-se muito rapidamente ao sentirem que, os primeiros quinze (15) dias, em que se pensava em atividades remotas, seriam mais longos. Para isso, a plataforma de ensino *Google Classroom*, que já estava sendo pensada para um possível uso ainda antes da pandemia, foi a alternativa e logo já estava sendo usada para ministrar aulas *on-line*, sendo que professores e estudantes puderam ter um convívio diário nesse período. Outras ferramentas como *e-mail* tornaram possível o momento de ajuste. A adaptação foi intensa não apenas para os estudantes, mas para os professores. Houve a suspensão das aulas por um período superior a seis meses em 2020, após retornamos de forma escalonada o que se mantém até meados de 2021.

A seguir, a atividade proposta e o embasamento teórico para a realização.

2 | UM POUCO DE TEORIA

Em um mundo global, com modificações constantes, o uso da memória é de fundamental importância para pensar como os eventos são entendidos na subjetividade dos sujeitos e nas suas emoções. Fazer reminiscências do passado por meio das memórias é uma forma de separar o que somos hoje daquilo que fomos e, portanto, é uma representação de momentos vividos, uma interpretação de um momento passado a partir do modo como nos sentimos no presente. Em outras palavras, o modo como vemos o presente e o passado é subjetivo, pois está relacionado com nossas experiências e vivências.

A subjetividade pode ser entendida, de acordo com Zimmermann (2019, p.17), como o “conjunto de vários elementos sociais assumidos e vividos pelos indivíduos em suas existências particulares.” Essas percepções individuais são o que constituem o sujeito com seu modo de ver o mundo e observar os eventos ligados aos modelos culturais e sociais, também considerando percepções emotivas. É a partir da subjetividade que se busca uma forma de ligação com o passado e, com ela, a construção de novos aprendizados.

Pensar os eventos do passado envolve também refletir sobre o presente, as condições ou padrões sociais e também o modo como são apreendidos e rememorados, considerando as representações que as sociedades têm sobre eles no coletivo. Dessa

forma, o processo de recordar também está ligado à subjetividade e ao modo como o mundo e as relações são construídas e criadas.

[...] O estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão impregnadas de subjetividade desde o início, a presença viva das vozes subjetivas do passado também nos limita em nossas interpretações, e nos permitem, na verdade obrigados a testá-las em confronto com a opinião daqueles que sempre, de maneira fundamental, saberão mais do que nós (THOMPSON, 1992, p. 195).

A subjetividade é construída na individualidade do sujeito conforme o contexto social de acordo com o espaço e com o tempo. Os fatos históricos são constituídos por sujeitos que, ao construí-los, também se constroem nesse processo.

Trabalhar com a subjetividade e com a evocação das memórias é lidar com a história viva e, justamente por isso, torna-se possível trabalhar com parâmetros que podem desafiar a subjetividade, quase que fazer o trabalho de um terapeuta ao extrair em profundidade as diferentes esferas da memória. Por meio desse elemento tão fundamental na vida das pessoas, a memória faz os sujeitos sentirem-se atuantes por meio das suas recordações e com isso, é possível pensar o presente e o passado.

Para tal, é preciso considerar que tanto o professor quanto os alunos são indivíduos subjetivos e que ao mesmo tempo que constroem significados sobre o que estudam, também se reconstróem na sua individualidade. Pensar em um espaço coletivo como a escola é também uma maneira de configurar sentido a ela. O sujeito se faz e se refaz na individualidade e, ao mesmo tempo, está clivado com quem convive e pelo contexto em que está inserido e, dessa forma, significa seu viver.

O sentido subjetivo do sujeito favorece uma representação que constitui o indivíduo tanto histórica quanto culturalmente e isso cria múltiplas experiências sociais na história individual. Uma aula precisa ir além da transmissão de conteúdos, inserindo-se a compreensão da produção subjetiva dos alunos nos processos de aprendizagem da disciplina. É importante que os alunos percebam, eles mesmos, suas produções de sentido, considerando as relações entre as memórias coletivas e as individuais.

Ao revisitar as próprias memórias, os indivíduos podem repensar suas histórias e compreender os sentidos subjetivos produzidos por outros sujeitos no passado e a produção de novos sentidos subjetivos no presente.

Os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, a nomes e a fórmulas; eles representam experiências, já que reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por tudo isso [...] a memória apóia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição narrativa do passado do sujeito de forma viva e natural [...] (HALBWACHS, 2003, p. 71-75). É na memória que se produz os sentidos subjetivos.

A memória, no processo de aprendizagem, refaz e recria as experiências passadas entrelaçadas com a dimensão subjetiva do sujeito, pode ser explicitada e enriquecida

com o auxílio, não só de palavras, mas também de imagens e de ideias, provocando transformações e permanências.

Pensar em algo tão corriqueiro no nosso dia a dia, como a audição, que, na maior parte do tempo, não nos damos conta dos inúmeros sons que estão ao nosso redor. Isso revelou um grande facilitador para o resgate da memória – individual e coletiva – e para a compreensão dos sentidos subjetivos dos alunos. Houve um entrelaçamento entre suas trajetórias de vida e suas memórias por meio desse sentido.

Em outras palavras, nossas memórias são de fundamental importância para fazer refletir sobre os sentidos, as emoções e os sentimentos trazidos por eles, assim como para ressignificar os espaços que ocupamos.

A paisagem sonora é um desses elementos que traz sensibilidade e lida com a memória social. O ambiente escolar faz parte da memória social, quer seja ela individual ou coletiva, pois parafraseando Gescon (2019), ela é construída e marcada pela intersubjetividade e por meio dela forma as chamadas “comunidades de sentido”, ou seja, tem sentido para quem viveu e vivenciou as experiências desse espaço, que não se resume a apenas um sujeito, mas a vários que, ao mesmo tempo, tiveram suas vidas marcadas por esse processo (como é o caso do ambiente escolar).

Ao mesmo tempo, é um lugar onde são criadas memórias fortes, que conforme Candau (2018) pode ser entendida como as memórias construídas na coletividade pelos sujeitos que integram a comunidade.

Isso significa que o ambiente escolar é uma memória forte, pois faz parte do pensamento coletivo da sociedade. Quando nos recordamos da nossa infância e da adolescência, é natural visitar esse ambiente por nós frequentado, onde vivências diversas aconteceram. Mas, ao mesmo tempo, é uma memória individual, pois cada episódio rememorado é único e por mais que vários se recordem do mesmo evento, muito provável que cada um tenha percepções diferentes com relação ao som, ao cheiro, às imagens que surgem, pois isso é muito subjetivo e único de cada indivíduo. Sendo assim, o ambiente escolar é uma memória social que está no subjetivo e no individual das pessoas, mas ao mesmo tempo no coletivo. Esse espaço é um lugar em que nos constituímos e reforçamos nossos valores, identidade e concepções sobre o mundo.

E os sons não podem ficar de fora desse ambiente. Schefer (2001) foi um dos primeiros a pensar o som como parte do patrimônio cultural de um povo por meio das memórias que ele evoca. Por meio dele, nos recordamos dos lugares, das pessoas, dos espaços e reagimos emocionalmente. Para o canadense,

O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção dos sons é a última porta a se fechar, e é também a primeira a se abrir quando acordamos. [...] A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar o que é desejável (SCHEFER, 2001, p.14).

Por isso que, na paisagem *lo-fi*¹, de acordo com esse autor, não conseguimos ouvir claramente tudo o que a paisagem sonora nos proporciona e, dessa forma, privilegiamos o sentido da visão. Schafer (2001) chama isso de “congestionamento do som”, (p. 107) pois “tudo está presente ao mesmo tempo” (p. 114). Para ele, esses fatores estão nos deixando surdos.

Nessa perspectiva, para o referido autor, esses sons, que em um primeiro momento são vistos com estranheza, com o tempo, são aceitos como naturais, como é o caso da paisagem sonora urbana. Pense na sua paisagem sonora e procure perceber quantos sons ao seu redor você nem ao menos ouve por achá-los naturais?

Apesar de Schafer (2001), espalhar para o mundo o tema da paisagem sonora, antes dele, Pierre Schaeffer (1910-1995) fez importantes contribuições para esse campo ao propor que podemos ouvir de formas diferentes. Destacam-se aqui os modos ativos e os passivos, trazidos por esse autor em Meneguello (2017). O ouvir de forma ativa nada mais é do que aquilo que queremos ouvir e prestamos atenção a ele, mas, ao mesmo tempo, também só nos detemos ao que nos interessa com base nas nossas vivências. Tomemos, como exemplo, a fala de um amigo nosso que conta sua história sobre um *show* de um ídolo em comum e que este participou e do qual também queríamos ter ido. Nossa audição está focada na sua fala e com ela cria imagens a partir do que ouve, baseado nas suas próprias experimentações.

O outro sentido, o passivo está ligado ao fato de ouvirmos muitas narrações, muitos sons que não queremos e, por isso, esse modo passa despercebido ao ouvido, mas apesar disso, temos reações a eles. Pense na televisão ligada em nossa casa. Estamos ouvindo, porém nem sempre queremos, mas mesmo assim ela pode nos afetar e, eventualmente, temos reações aos assuntos trazidos por ela. O modo passivo pressupõe que temos percepção do som, contudo não quer dizer que temos intenção de ouvi-lo.

Schafer (2001) chama a paisagem *lo-fi* de um empecilho na vida moderna. Ele diz que:

[...] a destruição dos dispositivos *hi-fi* não somente contribui generosamente para o problema do *lo-fi* como cria uma paisagem sonora sintética na qual os sons naturais estão se tornando cada vez mais não-naturais, enquanto seus substitutos feitos a máquina são os responsáveis pelos sinais operativos que dirigem a vida moderna (SCHAFER, 2001, p. 135) .

Partindo desses pressupostos, Meneguello (2017) propõe, baseada em Schafer, 2001, a pensar o som sobre três aspectos e que fazem sentido para pensar o som no ambiente escolar. O primeiro é o fato do sons serem inseparáveis da cultura da história humana, ou seja, sons existem desde sempre, antes mesmo da existência do gênero *homo*.

1 Schafer, 2001, aponta que há dois tipos de paisagem: a *hi-fi* e a *lo-fi*. A paisagem *hi-fi* é aquela dos sons primordiais, onde é possível ouvir com mais perfeição os sons. Associa isso aos sons anteriores à Revolução Industrial, ou seja, os sons do campo e da natureza. A paisagem *lo-fi* é aquela posterior a este período, onde os sinais acústicos são ofuscados pelo modo de vida urbano, composta por uma simultaneidade de sons que não nos permite ouvir com nitidez. Chama o primeiro de bom som e o segundo de mau som, pois incapacita a concentração e a aprendizagem.

O outro aspecto é que a sonoridade traz sensibilidade, como é o caso das emoções e dos sentimentos despertados a partir do som. Por fim, “[...] o som é um fato patrimonial em si. Uma vez registrado, o som pode ser manipulado, exibido e ressignificado em coleções, arquivos, museus ou novos experimentos musicais.”(MENEGUELLO, 2017, p. 25)

Parte-se dessa última premissa para reforçar a ideia que precisamos pensar os sons ao nosso redor como uma forma de sensibilizar para aquilo que faz parte da nossa memória e que constitui a identidade dos sujeitos, como é o caso dos sons que nos remetem ao ambiente escolar. O sinal, os sons dos corredores, as vozes das pessoas devem ser considerados como produtos de sentido para os grupos.

Meneguello (2017) levanta dois pontos importantes para debate: “a patrimonialização dos sons e a entrada do som como protagonista.”(p.28) Para ela “a paisagem sonora torna-se ao mesmo tempo um conceito, uma ferramenta e uma forma de perceber as relações entre o homem e seu meio, no sentido mais amplo do termo “ecologia”, mas também em seus sentidos cotidianos.” (p. 29)

Dessa forma, fortalecem o sentido de comunidade e deixam de ser apenas uma paisagem ao mobilizar quem os ouve e, por esse motivo, precisa ser pensado como um patrimônio cultural e o que está ligado a ele, pois são muito mais que sons, são atividades vinculadas a ele, como é o caso da escola.

Apresentam-se abaixo a sensibilidade e as relações memoriais dos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental no início da pandemia sobre a relação entre o som e a memória individual e coletiva.

3 | O QUE REPRESENTAM E DIZEM OS SONS DO AMBIENTE ESCOLAR

Os sons, como já dito anteriormente, podem ser entendidos como elementos de afetividade, que dão sentido às memórias individuais e dos grupos. A escola é um desses ambientes nos quais, conforme cada um de nós recorda-se dela, surgem memórias ligadas às emoções e aos sentimentos.

Em maio de 2020, foi solicitado aos estudantes do 5º Ano do Colégio La Salle Carmo, o desafio de pensar nos sons da escola e quais deles estavam fazendo falta no período de isolamento domiciliar. Deveriam escrever uma frase, entre três a cinco linhas, que respondessem a essa indagação. Foi proposto que se recordassem dos ambientes que mais frequentavam e que os fazia sentirem-se bem - sala de aula, pátio, biblioteca, cantina, corredores, entrada, saída. A atividade contou com a devolutiva de aproximadamente 190 estudantes.

As respostas trouxeram um misto de sentimentos para quem leu e para quem relatou em conversas na aula *on-line*. Abaixo, reflete-se e destacam-se algumas das respostas que foram frequentes e frases que demonstram os sentimentos e as emoções presentes na escrita dos estudantes e reforçam a subjetividade com que cada um vive e vê o mesmo

episódio.

Entre os principais sons relatados pelos estudantes nas frases, está o som do recreio, exposto em grande parte dos depoimentos, marcado pelo sinal da campainha que anuncia o início e fim do momento. O recreio é entendido como um espaço de descontração e, dessa forma, sugere, com o isolamento domiciliar, a ausência de contato entre os alunos.

“Trrrim é o primeiro som que eu escuto, depois é o blá blá blá na sala. No recreio é correria, barulho de passos e gritaria.”

“O som que mais sinto falta na escola é o som do sinal, pois é um som único, que só escuto lá.”

“Os sons que eu mais sinto falta da escola são: o som do sinal para a entrada que podemos ver os professores, o sinal para o recreio que podemos brincar com os amigos e também comer, o sinal do fim da aula que podemos brincar com os amigos, ver os pais depois de uma tarde de aulas, e também voltar para casa, etc.”

Por meio dessa declaração, é perceptível a importância do som para marcar o espaço. O som enquanto patrimônio, como o proposto por Meneguello (2017), está relacionado às memórias que ele suscita e às atividades ligadas a ele. Em uma linha semelhante, Cescon (2019) levanta a ideia de memória social e, dessa forma, o som no ambiente escolar é um som único, presente nas memórias coletivas dos grupos.

Muitas frases também apresentaram a relação entre os espaços e os momentos de convivência com os amigos, colegas e professores.

“Eu sinto muita falta do som do sinal para ir para o recreio, o som das pessoas gritando no pátio, também o barulho dos jogos, o barulho das raquetes, mesas de pebolim. Sinto muita falta desses sons.”

“No dia de hoje eu sinto muita falta da escola. Lembro de todos os professores, sons, brincadeiras, estudos e amigos. O som que eu mais gosto da escola é o som do sinal tocando, pois quando isso acontece são muitas crianças juntas que saem gritando e correndo. Isso me traz muita felicidade e memória feliz da escola!”

“Sinto falta do som da entrada da escola, das crianças conversando bem alto, da professora chamando a atenção, da mesa rangendo, dos lápis e borrachas caindo da mesa, da porta fechando a sala de aula, o som do silêncio da biblioteca. Sinto falta da escola e dos professores, colegas e tudo na escola.”

As respostas dos estudantes apontam para uma questão: que emoções e sentimentos os espaços que ocupamos deixam na nossa memória? Portanto, falar em sons nos remete à saudade, à afetividade e à carência das relações que o distanciamento social trouxe. O espaço escolar também pode ser entendido como um lugar de acolhida, com sentimento de pertencimento e são os sons que fazem esse vínculo entre a subjetividade e as vivências.

“Nesta quarentena eu ainda ouço muitos sons familiares. O som que sinto mais falta é na hora do recreio a gritaria que fica. Eu nunca imaginei que o som que me dava dor de cabeça me faria falta algum dia!”

“O som que eu mais sinto falta da escola são os gritos nos corredores pois eles são quem traz felicidade para os alunos, os gritos do corredor são como gritos de felicidade. Quando os professores falavam “silêncio”... Hoje nós já não ouvimos mais essas falas. Ultimamente nós não ouvimos mais estas coisas e muito mais, mas todos os alunos ainda estão com esperança das aulas voltarem.”

“O som que mais sinto falta na escola, nesse momento de pandemia, é o som das conversas e risadas dos meus colegas, porque sinto algo quando escuto esses sons, sinto que quando estou com meus colegas tudo fica mais divertido, colorido e feliz. Sinto saudade de todos!”

“Meu coração fica agitado e contente quando chego na escola, pois vejo alegria, risos, brincadeiras, conversas e muita correria. Acho muito legal participar de tudo isso, e principalmente por encontrar meus amigos e Professores que gosto muito. Sinto falta do som dessa felicidade que me contagia e com certeza logo voltaremos.”

“ Relembrando dos dias que eu estava ainda na escola lembro de vários sons que eu sinto muita falta, por exemplo: a gritaria do recreio; um passarinho que incomodava a professora e atrapalhava a aula no ano passado; quando acabava o último dia de aula do ano, todo mundo gritava férias no corredor inteiro; quando acabava a aula ou antes de começar, um grupo de crianças brincando, montando e embaralhando os cubos mágicos.”

Ainda, nos relatos é perceptível a valorização da escola pelo público que a frequenta, tendo nela uma referência de lugar de apego e de carinho, bem como para com os demais que fazem parte da Família La Salle Carmo como professores e demais colaboradores da Instituição.

O ambiente escolar é relatado como um espaço que traz alegria e felicidade para os discentes em diversos depoimentos.

“Nesse tempo de quarentena sinto muita falta da sala de aula para escutar a voz da professora ensinando nós por que é bem difícil fazer tudo longe, gostava de ouvir as vozes dos meus colegas por que eles são meus amigos e sinto muita saudade de estar com eles. O som do sinal para ir ao recreio também era bem legal, gostava muito de estar no pátio era o lugar que mais me divertia! Em alguns momentos gostava do silêncio da sala de aula, diferente do silêncio de estar em casa.”

“Eu estou sentindo falta de dar aquele abraço apertado na turma e na professora, de poder sair um pouco para respirar, de poder estar estudando com os meus colegas na sala de aula, de poder também estar no recreio comendo o meu lanche com as minhas amigas, de estar na sala de aula tendo que falar alguma resposta e na verdade não queria falar mas falou e chutou, e muitas outras coisas que estou sentindo falta da escola, dos meus amigos e das minhas professoras.”

Outro aspecto que chama a atenção, é o fato de sentir falta dos corredores e dos espaços presentes no ambiente escolar, ou seja, não apenas os sons únicos da escola fazem falta, mas também o que ela representa como um aspecto de memória social, como já apontado por Cescon (2019).

Para finalizar, atém-se a fazer algumas reflexões a partir da teorização e dos relatos da pesquisa.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo saudade foi em 2020 e ainda é em 2021 um sentimento que rememora nas mentes humanas em função do distanciamento social estabelecido pela pandemia da Covid- 19. Os sentimentos de nostalgia e de saudade são marcados por aquilo que passamos e que não podemos mais viver e trazem outras tantas emoções e sentimentos como: alegria, felicidade, tristeza, melancolia.

A escola, para as crianças, adolescentes e jovens, é um espaço excepcional e único no que concerne ao convívio, ao diálogo e à interação entre os indivíduos. Com a pandemia e o distanciamento social esse espaço de contato diário foi rompido e todas as relações de interatividade foram interrompidas.

Ao ler os relatos dos estudantes, inúmeras reflexões e análises são pertinentes ao ambiente escolar e sua importância para os vínculos afetivos dos estudantes, das famílias e da sociedade. Uma das análises é em relação à memória social que a paisagem sonora deixa como marca nas pessoas. As alusões aos sons dos corredores, do recreio, do sinal de entrada e de saída, as conversas dos professores e dos amigos, entre outros, são indicadores de como esse espaço ultrapassa a educação formal e está incutido na constituição da identidade dos sujeitos por meio da memória. Para as crianças e adolescentes, a escola é um lugar onde as relações interpessoais acontecem e, por meio desses laços afetivos, torna-se um marco nas suas vidas mesmo depois de adultos.

Outra consideração é que é um campo de estudo relativamente novo; é com relação ao som ser um patrimônio, no caso aqui, os sons escolares. Ele está nas nossas memórias e para cada um é diferente e provavelmente para cada canto do mundo e momento da história haverá memórias diversas sobre este ambiente. Ao mesmo tempo que são diversas, também são comuns, pois independente da vivência dentro desse espaço, seus sons estão presentes na memória coletiva e forte da sociedade, como o apontado por Candau, 2018 e Halbwachs, 2003. Dessa forma, o fato de estar impregnado na memória social por si só já é uma herança patrimonial.

Os sons vão caracterizando os diferentes momentos da história e, por mais que se modifiquem com o passar dos anos, refletem o pensamento coletivo de um período. Ao mesmo tempo, novos sentidos são dados para os sons e os transformam em mensagens de acordo com as experiências vividas a partir do nosso campo emocional.

É por meio dos sons que se identificam os lugares, como é o caso da escola. Ao estar nesse ambiente, nem sempre ouve-se tudo o que há nele, mas ao faltar ele é lembrado com saudade e afetividade, fortalecendo as representações que se tem do mundo, reforçando as memórias e moldando a identidade.

Para finalizar, reafirma-se o papel fundamental desse lugar e das lembranças que ele traz para a construção da identidade, dos valores e das relações afetivas e sociais. Poder refletir sobre essas questões, faz os estudantes sentirem-se mais próximos ao ambiente que tanto frequentam e que, nesse momento, estava fazendo falta em suas vidas e, ao mesmo tempo, abrem seus sentidos para as novas possibilidades de ver e sentir o mundo.

REFERÊNCIAS

CANAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo:Contexto, 2011.

CESCON, Juliane Petry Panozzo. **Laços e traços da memória**: a trajetória de uma pintura sacra, Itália/Brasil, 1714-2016. 2019. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Memória e Bens Culturais, Universidade La Salle, Canoas, 2019. Disponível em: <http://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/1245> Acesso em: 22 ago. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MENEGUELLO, Cristina. **Das ruas para os museus**: a paisagem sonora como memória, registro e invenção. 2017. Revista MÉTIS: HISTÓRIA & CULTURA. DOI: 10.18226/22362762.v16.n.32.01 Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/5674> Acesso em: 22 ago. 2021.

SCHAFFER, Murray R. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo:Unesp, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. Subjetividades e Ensino de História. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 25, n. 49.1, p. 13-24, Dossiê Especial 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/9339/6900>. Acesso em: 29 ago. 2021.

A **Educação Lassalista: Saberes da prática educativa**, remete aos escritos de São João Batista de La Salle, fundador da obra Lassalista, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todos os educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, são desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e inspirarão à dinâmica escolar, a Missão Educativa Lassalista e a educação de qualidade.

A **Educação Lassalista: Saberes da prática educativa**, remete aos escritos de São João Batista de La Salle, fundador da obra Lassalista, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todos os educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, são desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e inspirarão à dinâmica escolar, a Missão Educativa Lassalista e a educação de qualidade.